

# VOGGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO  
30, Rua da Alegria, 30  
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA  
DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.<sup>a</sup>  
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873  
(Antiga R. da Procissão)  
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



M.ELLE M. I. — FORMOSÍSSIMA PORTUGUESA QUE EM BREVE DEBUTARÁ NUM DOS NOSSOS PRIMEIROS TEATROS EXECUTANDO UM «FIM DE FESTA» (Foto Bobone)

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E **DUAS** FOLHAS  
DE BORDADOS EM TAMANHO NATURAL.

DE BAILADOS CLÁSSICOS E DANÇAS RÍTMICAS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA  
DE MAIOR TIRAGEM E ENFASIS

# VIDA ELEGANTE

## DIPLOMATAS

Deve realizar-se brevemente o casamento de Miss Carnegie, gentil filha de Lady Carnegie e do ilustre embaixador de Inglaterra, em Portu-

galo, no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia, foi servido na residência dos pais da noiva, um finíssimo *luncheon*, seguindo os noivos depois para a Quinta das



Um grupo de senhoras da selecta assistência às provas do Concurso Hípico Internacional, realizado ultimamente no Campo de Obstáculos de Palhavã

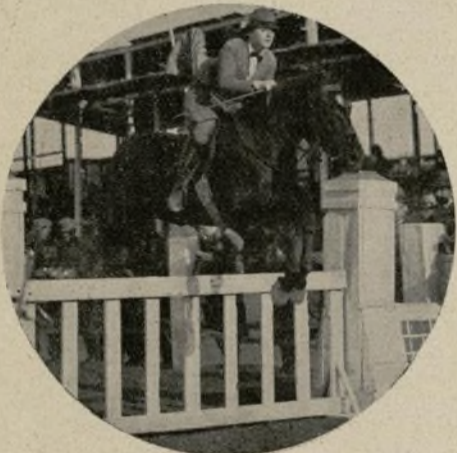
gal, Sir Lancelot Carnegie, com Lord Scone, pertencente a uma das mais aristocráticas famílias inglesas.

## CASAMENTOS

Na próxima segunda-feira realiza-se na capela da Casa das Lages, no Douro, residência da sr.<sup>a</sup> D. Elisa Sottomaior e do sr. D. Miggel Sottomaior, o casamento de sua gentil filha, D. Leonor Maria Teresa, com o distinto escritor sr. Visconde do Ameal, filho dos srs. Condes do Ameal.

O acto será celebrado por Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> Sr. D. António Antunes, Bispo Auxiliar de Coimbra.

— Na paroquial igreja de Paranhos, reali-



A distinta amazona mademoiselle Wierse, no cavalo «Nion»

zou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Berta Cecília da Rocha Fernandes Pereira, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Berta da Rocha Fernandes Pereira, e do sr. Joaquim Afonso Fernandes Pereira, com o sr. António Cândido da Cunha Patrício, filho da sr.<sup>a</sup> D. Branca da Cunha Patrício e do sr. dr. Luís Patrício, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

O acto religioso foi celebrado pelo prior da freguesia, reverendo Mendes de Almeida, amigo

Giestas, no Douro, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Armando Caetano, foi pedida em casamento pelo sr. António Joaquim de Sousa, a sr.<sup>a</sup> D. Júlia dos Reis Ribeiro, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Ana das Neves Ribeiro e do sr. José dos Reis Ribeiro.

O casamento deverá realizar-se no próximo ano.

— Para o sr. Guilherme Hitzemann foi pedida em casamento, por seus pais, a sr.<sup>a</sup> D. Leonor Brunner, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Raquel Brunner e do sr. Luís Alberto Hans Brunner, já falecido.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o corrente ano.

— Pelo sr. José Augusto Lagôa, foi pedida em casamento para o sr. Júlio César Santa Ana, a sr.<sup>a</sup> D. Nizet Conceição Silva.

## CHÁS DANÇANTES

Continuam decorrendo, com muita animação, os «chás dançantes» dos domingos, no Grande Hotel de Itália do Monte Estoril, que de há muito estão consagrados, como ponto de reunião de tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, tanto de Cascais e Estoril, como de Lisboa e das outras praias da «Enseada Azul».

## BAPTISADOS

Com muita intimidade, realizaram-se na paroquial igreja de Cascais, os baptizados dos filhinhos da sr.<sup>a</sup> D. Gabriela Belard Silvano e do sr. Francisco Silvano, e da sr.<sup>a</sup> D. Noémia Rodrigues Soleiro e do sr. José Penha Soleiro, activos sócios gerentes do Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril.

Serviram de padrinhos do primeiro a sr.<sup>a</sup> D. Noémia Rodrigues Soleiro e o sr. José Penha Soleiro, e do segundo, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Silva Carvalho e o sr. Manuel Henriques de Carvalho, recebendo as gentis crianças o nome de José Manuel.

Terminadas as cerimónias religiosas, foi servido em uma das salas do Grande Hotel de Itália, um finíssimo almoço, ao qual assistiram, além dos pais dos recém-baptizados e dos padrinhos, os srs. Carlos da Mota Marques e Carlos de Vasconcelos e Sá.

— Na Sé de Coimbra realizou-se o baptizado de uma filhinha da sr.<sup>a</sup> D. Maria do Rosário da Costa de Sousa de Macedo Pereira e do distinto professor da Faculdade da Universidade de Coimbra, sr. dr. João Carlos Martins Moreira, e neta do ilustre almirante sr. D. Bernardo da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela).

Serviram de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide da Costa de Sousa de Macedo, avó materna, e de padrinho, o sr. João Moreira, tio paterno.

A gentil criança recebeu o nome de Maria do Rosário.

## AS RAINHAS DA BELEZA VISITAM PARIS

As rainhas de beleza da Alemanha, Luxemburgo, Bélgica, Itália e Espanha visitaram Paris nas vésperas da sua partida para a América.

Miss França fez as honras da sua pátria e da sua cidade — mademoiselle Alain é parisiense — tendo oferecido, com a gentileza peculiar da raça gaulesa, um almoço de homenagem às suas competidoras em Galveston.

A esse banquete assistiram, além das homenageadas e da homenageante, um autêntico rei, — o maharadjá de Kapurthala — Mistinguett, princesa do music-hall, e Pepa Bonafé, há pouco consagrada uma das rainhas da elegância.

Os olhos dos convivas não desfitavam as rainhas: Miss Inglaterra, muito loira, muito branca, fragilíssima; miss Alemanha, a mais velha — perdão, a menos nova — das concorrentes, 22 anos que sorriem sempre; miss Espanha, de olhos muito profundos, muito negros, uma beleza triste, fatal, sevilhana; miss Itália, forte e linda, como as mulheres das grandes e remotas épocas da grandeza romana; miss Bélgica, uma fisionomia de traços enérgicos, duma formosura magestosa; miss Luxemburgo, de cabeleira de ouro, olhos tímidos, duma suave melancolia.

Miss França dominava as suas concorrentes



A distinta amazona sr.<sup>a</sup> D. Maria Anjos Jardim (Valenças) no cavalo «Toledo»

Tôdas, nessa altura, se julgariam a mais bela — e isso contribuiria para a sua expansão, para o desabrochar de sorrisos quasi amigáveis, um pouquinho sinceros. Talvez, entre tôdas, uma tivesse sentido redobrar a sua apreensão, aumentar a sua tristeza. Acharia, por certo, as outras mais bonitas, presagiaria, de antemão, sua derrota. Iriamos jurar que seria essa a mais bela, talvez a rainha de tôdas as rainhas do mundo...



Outro grupo de senhoras que assistiram às provas do Concurso Hípico Internacional realizado ultimamente no Campo de Obstáculos de Palhavã, junto do recinto do chá

## M.<sup>lle</sup> FERNANDA TRIGO DE BRITO

PEDE-NOS esta talentosa artista que rectifique-mos a notícia há dias publicada na *Voga*, pois que, não é soprano lírico mas sim soprano ligeiro, não se tendo estreado na companhia de ópera portuguesa mas sim na companhia italiana que há semanas se exhibiu com êxito no Coliseu.

## LIÇÕES DE CANTO

POR M.<sup>me</sup> LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impostação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.<sup>o</sup> D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da «VOGA»

## ESPARTILHOS E CINTAS



“POMPADOUR”

OS MELHORES  
OS MAIS RESISTENTES  
E OS MAIS ELEGANTES

“A POMPADOUR”

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

## VOGA

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER PORTUGUESA

Em virtude de se estar aproximando a época das praias e termas e para que as nossas presadas leitoras e assignantes possam receber a tempo o nosso semanário, *Voga*, a partir de 21 do corrente, passará a publicar-se às

QUINTAS-FEIRAS

saíndo, porém, um número no domingo 17 do mesmo mês, o que beneficiará as nossas leitoras visto como em Junho receberão um número a mais, o qual, como todos os outros, será sensacional

LER E ASSINAR

## VOGA

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER PORTUGUESA

A melhor publicação de género em toda a Península

OS BONS FAUTEUILS ROTIN CUSTAM QUATRO VEZES MENOS QUE UM MAPPLE E DURAM QUATRO VEZES MAIS

GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120 a 130 Telefone T. 801

Ayuntamiento de Madrid

# O AVENTUREIRO CRONICA DA SEMANA A PROPÓSITO DE LIVROS

## TRICANINHAS DA BEIRA LITORAL

DESDE muito criança que as maravilhosas aventuras dos livros de viagens o encantavam. Estimava, durante as noites tempestuosas de inverno, entregar-se à leitura de romances inverosímeis, enquanto a chuva nas vidraças cantava uma melodia misteriosa. Quantas viagens arriscadas Henrique fizera em pensamento, através de regiões longínquas, remotas, pelas florestas virgens de ignorados continentes, pelas planícies imensas, infinitas, sob o sol escaldante, pelos sertões bárbaros onde as populações negras, que nunca viram homens de pele branca, o tomavam por um Deus ou por um feiticeiro de estranho poder!

Os seus folguedos cingiam-se sempre ao pensamento que dominava o seu ser: aventuras, aventuras e mais aventuras. Montado numa cana, cavalgava em torno do jardim que cercava a sua casa, julgando-se na perseguição de tribus selvagens de índios agueridos no continente americano; empunhando uma espingarda minúscula apontava aos pardais, dando-se a ilusão de caçar condores; perseguia o *Carocho* — gato velho, obêso e pacato — na persuasão de que corria na cola de um bando de tigres, e subia e descia repetidas vezes a larga escadaria de mármore do palacete onde vivia, imaginando escalar o Himalaia.

A vagabundagem e a aventura eram as suas únicas preocupações. E a ânsia de pôr em prática o que no seu pensamento exaltado fervia em cachão levou-o, uma noite, aos dez anos de idade, a abandonar cautelosamente a casa de seus pais, onde vivia como um príncipe, para se deixar prender uma semana depois pela polícia em campo, a umas cinco léguas de distância.

Quando, rôto, faminto, fatigado, o trouxeram ao lar, declarou radiante à mãe alanceada, que não havia vida melhor do que a de vagabundo. E como lhe perguntassem porque amava tanto a vida de vadiagem, respondeu, como responderia um filósofo:

— Porque nada é certo nessa vida: não se sabe onde se almorçará, nem onde se dormirá; porque se percorre caminho desconhecido, que é o mais interessante.

Sobre o pequeno Henrique, a partir da data de sua fuga audaciosa, redobraram as vigilâncias da família. Fizeram desaparecer da sua estante todos os livros de viagens, todos os romances de extraordinárias aventuras. Para o amedrontar falavam-lhe muito de caçadores de leões que terminavam sempre seus dias devorados pelas feras; de alpinistas que caíam em abismos de onde nunca mais saíam; de exploradores temerários que, embrenhando-se no sertão, já mais regressavam ou eram encontrados completamente trucidados pelos antropófagos. Mas estes incitamentos à cobardia produziam no ânimo de Henrique efeito oposto: excitavam-no e levavam-no a pensar com volúpia na luta desesperada contra povos bárbaros; na resistência do homem audaz, por mares sem fim, por terras tenebrosas, contra a fúria dos elementos. E jurava no seu íntimo que mais tarde, quando fôsse mais crescido e forte, nada conseguiria detê-lo amarrado à existência monotona a que o obrigavam. Aborrecia a escola onde tinha de estar longas horas sossegado, em face das mesmas pessoas e dos mesmos objectos. Só amava a hora luminosa do recreio, ao ar livre, em pleno sol, correndo na cerca, arremessando laços aos condiscipulos, como os *gaúchos* ao gado tresmalhado.

E um dia, tinha já catorze anos, tornou a



desaparecer, desta vez, sem deixar rastro, sem uma palavra de despedida, sem a clássica carta à família que os heróis dos romances costumam escrever com frases sentimentais. Souberam os pais, mais tarde, vagamente, que andava pelo Brasil, de terra em terra, alforje às costas, a aventura, dormindo em florestas, trabalhando aqui, vadiando acolá.

Levara a vida de acaso que sempre ambicionara. A sua única certeza era a incerteza do dia de amanhã; a sua única ambição era que o mundo fôsse tão grande que sua existência não chegasse para percorrê-lo.

De uma vez, porém, já levava não sei quantos dias de viagem através de uma floresta

Oh tricaninhas da Beira litoral, corpos esbeltos moldados pelo movimento das ondas marinhas, olhos como poços de de treva com estrelinhas lucitremendo lá no fundo, vultos de tanta graça e donaire que lhes não encontro rivais em nenhuma outra terra de Portugal!... Tricaninhas de Aveiro, figurinhas gentis da Murtosa, de Espinho, de Ovar, de Estarreja e de Ilhavo, a pescadora!... Venho da cidade que de vós se envaidece e orgulha, oh tricaninhas morenas! da lírica cidade de Aveiro, cujos prateados canais românticos cingem a derradeira morada de Santa Joana Princesa, — a sonhadora compatriota cuja alma antiga se enamorou de Deus... E trago ainda os meus olhos encandeados pela beleza eterna de quanto vi, do espectáculo maravilhoso da cidade marinha e da graça aquática, docemente requetada, das suas vizinhas e moradoras... Tenho ainda nos meus olhos esses vultos gentis envolvidos por negros cabelos de enormes franjas de seda, essas cabeceiras airoas cingidas por uma acariciante mantilha de onde se destaca o oval delicado dos rostinhos sorridentes...

Que lindas, que inconfundíveis são as portuguesas e, sobretudo, as tricaninhas da Beira litoral!...

Pois é verdade, tricaninhas... Venho da vossa formosa cidade, oh minhas, irmãs de raça, e ainda lá hei-de voltar se Deus me der vida e saúde, oh líricas açafatas de Santa Joana Princesa!... Houve na vossa adorável cidade grandes festa por via da comemoração de certa revolta política feita por alguns aveirenses há precisamente cem anos. Ouvi falar muito em Liberdade, senhora muito do meu respeito, e no Despotismo, cavalheiro que de há muito acasalou com ela e é credor da minha especial embriagação... Ouvi discursos, que me entraram por um ouvido e me saíram pelo outro: há quanto tempo eu tinha escutado coisas semelhantes! Vi deslumbrantes fogos de artifício, cortejos, exposições, uma cidade pejada, trasbordante de forasteiros vindos de toda a maravilhosa região que se estende de Espinho ao Lis e do Oceano às serras do Arestal, Caramulo, Buçaco e Sicó... Sim; as festas foram lindas e os vossos compatriotas zaragatoiros de 1828 devem estar satisfeitos se, lá de onde se encontram há um século, lhes foi dado ver o que em sua honra foi organizado e feito!...

Mas, em boa verdade, teem vocês, oh compatriotas da Beira litoral, teem vocês a certeza de que as festas de Aveiro foram bem em honra da brava gente que, em 1828, se ergueu contra o governo do sr. Dom Miguel? Eu não quero nem por sombras entrar em discussões políticas das quais, Deus seja louvado, nada sei nem pretenderei já mais saber... O certo, porém, é que, tanto os moços que foram de Lisboa, como os do Norte — aos quais os oradores que ouvi disputaram rijamente a honra de ter sido na sua capital que primeiro surgiu a reacção contra o governo miguelista! — tanto os rapazes espadadoiros de Trás-os-Montes como os feros pescadores de Ilhavo que ao avósinho Garrett mereceram algumas das mais belas páginas das *Viagens na minha terra*, todos eles andavam mas era endoidecidos com as tricanas!... Houve um maroto encantador, filho de Aveiro, que me declarou muito simplesmente tratar-se, não duma comemoração política, mas sim duma exposição maravilhosamente feminina. «Isto aqui é

que é Galveston: a outra é uma autêntica miséria: estão aqui as mais lindas mulheres de Portugal e são todas, é claro, da minha terra!...»

Creio ter sido esse aveirense quem deu a nota exacta das festas na sua bela cidade. E se, realmente, como tudo leva a crer, as festas de Aveiro foram o pretexto apenas para mostrar a Portugal inteiro que as mais lindas filhas de Eva nasceram junto de Santa Joana Princesa; se as tricaninhas da Beira Litoral venceram em toda a linha; se as ruas e canais de prata líquida da sua trabalhadora cidade foram o mostruário esplendidamente português da mulher portuguesa e tudo afinal redundou na



(Foto do distinto amador aveirense Manuel de Abreu)

apoteose do Eterno Feminino, creio que todos deverão estar satisfeitos, liberais e miguelistas!... Há uma coisa em que o português — os homens mais fêmeiros de todo o mundo! — estão sempre de acordo: as mulheres... Há para aí liberal dos quatro costados que sente desfalecer o seu credo político diante de certas reacções cheias de meiguice; miguelista furioso que fica manso como um cordeiro perante os olhos de perdição de certas republicanãs... Foi sempre assim em Portugal... E até o Senhor Dom Miguel que — honra lhe seja! — era, segundo se afirma por toda a parte, doído pelo mulhério, até o sr. Dom Miguel deveria ficar satisfeito se visse as festas de Aveiro!... Porque, ou eu me engano muito ou o vencido de Évora Monte, ao contemplar o espectáculo de há dias e ao ouvir tropejar os oradores, diria lá para consigo, muito contente da sua vida:

— Pois sim, ralem-se!... Enquanto vocês aí fazem a corte à Dona Liberdade, eu tomo a liberdade... de fazer a corte a esta tricaninha! E é que fazia, oh portuguesíssimas e formosas tricaninhas da Beira litoral!...

ROSA TIRANA.

### CANCIONEIRO DE AMOR — SONETOS POR JOSÉ COELHO DA CUNHA.

O sr. José Coelho da Cunha não foge à regra entre portugueses... Para o moço poeta, a Mulher, — e nisso estamos todos de acordo! — é tudo quanto de mais belo e de melhor criou a mão sapientíssima e artista de Deus... Julgamos mesmo interpretar o sentimento geral dos portugueses e, portanto, do sr. José Coelho da Cunha, se afirmarmos que, mais belo do que uma linda mulher... só duas lindas mulheres!... Ora, sendo assim a psicologia da gente lusitana, se entre nós, ao contrário do que sucede com os frios e calculistas habitantes dos países do Norte, não há português nenhum que não tenha no coração um grande amor que se torna razão única da sua existência e o mobil dos seus sonhos, dos seus projectos, das suas amarguras e alegrias, que admira, pois, set imensa a produção lírica dos prós do nosso país? Os portugueses quando não amam estão sem trabalho... Já Lope de Vega, referindo-se às tendências amorosas da gente portuguesa, escrevia como segue, numa carinhosa ironia:

A um português que llorava  
Preguntaron l'ocasion.  
Respondió que era aficcion  
Y que enamorado estaba.  
Por remidiar su dolor.  
Le preguntaron de quien.  
Respondió: «De ninguém  
Mas choro de puro amor!»

São, pois, versos de paixão aquêles que o sr. José Coelho da Cunha enfeixou sob o título *Cancioneiro do Amor*. Dizer que esses versos nos satisfizeram por completo, seria uma indecorosa mentira, tanto mais que o poeta escolheu para vasar os seus sentimentos a forma aristocrática e exigentíssima do soneto, verdadeira camisa de forças que só o não é para certos e raríssimos poetas. Parece-nos que a exposição lírica dos seus pesares e alegrias — muito simples e comovidos, valha a verdade, — tudo teria a ganhar com roupagens de arte muito mais despretensiosas e humildes. E o autor, por certo, já disso se terá convencido, ao recordar a facilidade com que, nos seus primeiros livros, expressou o que então lhe ia na alma... A nosso ver um poeta escreve quatro ou cinco sonetos, trabalha-os durante muito tempo, até que eles dêem tudo quanto devem dar de sangue e de espírito do nosso coração, e, depois, não escreve mais sonetos; que o coração escolha lá vontade a medida em que deseja expressar-se!...

Não queremos as nossas humildes palavras significar que este *Cancioneiro de Amor* seja desprovido de valor, muito pelo contrário. Alguns dos sonetos que o compõem como, por exemplo, *Duvidando, A uma andorinha, O nosso amor*, e outros, são lindos e comprovam por parte do autor qualidades que já de há muito lhe conheciamos. O sr. Coelho da Cunha é, inegavelmente, uma alma de poeta. Mas a sua musa, muito simples e despretensiosa, não quer roupagens vistosas nem gaiolas doiradas: não estaremos longe da verdade se afirmarmos que só se sente bem com um vestido de lá ou de chita portuguesa, com o murmurio das fontes rústicas e a visão ampla e cariciosa dos montes da Beira, cheios de paz, rosmarinhos e quadras populares... Pelo menos é o que nos indicaram sempre os primeiros livros do sr. Coelho da Cunha. Atingir a perfeição adentro dos moldes populares, eis o que deveria ser, em nossa opinião, o alvo do autor do *Cancioneiro*. Porque não continuar, pois, o caminho encetado?

*Cancioneiro de Amor* encerra algumas líricas cheias de sentimento e de portuguesismo, de singeleza e de emoção. É muito, mas esperamos ainda mais do sr. Coelho da Cunha.

F. M.



ALUA: ONDE VAIS TU SATURNO?  
SATURNO: VOU EMPENHAR O MEU  
ANEL PARA COMPRAR O  
MAGAZINE BERTRAND

VOGA,  
SEMANARIO ILUSTRADO DA  
MULHER é a melhor e mais barata  
das publicações do género em língua portuguesa.

OS PRODUCTOS DE BELEZA APRESENTADOS POR VOGA SÃO OS MELHORES E MAIS EFICAZES

Ayuntamiento de Madrid



# AS MODAS EM VOGA

AS BAGATELAS E FANTASIAS COMO ADORNO FE-  
MININO :

FLORES, FITAS PEDRAS E OUTRAS LINDAS :  
NINHARIAS :

drarias, as cores lindas e delicadas das flores tão variadas e viçosas como num jardim de primavera. As pérolas nacaradas e polidas são também a maravilhosa fantasia que traz apaixonada toda a mulher que tem hoje como um dever tornar-se bela.

De facto uma das coisas que bastante fazem realçar a elegância e beleza da mulher são as fantasias bizarras e graciosas que hoje ornaram os vestidos e os chapéus e mesmo as jóias em pedras imitação graciosas dos brilhantes com as suas luminosidades arco-irizadas e os seus feitos caprichosos.

Tudo isto contribui para o embelezamento feminino realçando a brancura da epiderme e a sua maciez delicada.

Principalmente os broches e alfinetes de pedrarias com motivos e flores estilizados têm uma larga escala de feitios e cores que muito bem assentam sobre um vestido simples e discreto. A simplicidade nos vestidos, o exagero nas fantasias tornou-se uma necessidade e a verdadeira moda.

Nas nossas gravuras temos nós três broches de pedrarias e um «pendantif» dum ineditismo de desenho e feito que encantarão as leitoras mais exigentes.

Nas flores para adornar os vestidos de noite e mesmo vestidos de passeio há também uma variedade grande a que o modernismo deu o encanto extremo e subtil do modelo extranho e invulgar que todas as senhoras procuram possuir como único e inegalável.

## O MILAGRE DUMA MULHER

A Jugoslávia, composta por três países, até 1918 isolados uns dos outros, parece ter herdado do antigo império austro-húngaro a diversidade de raças, de línguas e de costumes.

A política desse país está dividida, não por ideias opostas, mas pelas nacionalidades que o compõem. Contudo, uma mulher, mademoiselle Petkovitch, conseguiu o milagre que os homens ainda não realizaram: reunir numa associação as diversas raças que compõem a Jugoslávia. Para dar uma ideia dessa autêntica miscelânea, basta referir que há católicos na Eslovénia, «glagolitas» na Croácia, ortodoxos na Sérvia e muçulmanos na Macedónia. As muçulmanas es-

Estes modelos de flores, caprichosamente re-

do género, têm todos algo de moderno que é aquela delicadeza de forma e combinação de tons e cores que hoje se preferem e exigem, mesmo no mais pequeno e simples objecto que seja uma das particularidades da «toilette» feminina sempre graciosas, leve e subtil.

Também as meias foram mimoseadas pela fantasia — incansável e inesgotável em criar sempre novidades — com uma decoração moderna, com cores muito leves e delicadas. A «bague» em aberto ou bordada no tom da meia, tem a sua variante na «bague» bordada como o nosso modelo representa.

É esta a variante de momento que traz as meias para o campo das evoluções de que há tanto andavam arredadas.

Dois vestidos de noite muito vaporosos e transparentes executados em crepe «georgette» com largos folhos muito fronzidos dão a estas saias modernas um simulacro de caudas que não excedem os tornozelos. A frente regulam pela altura do vestido de passeio.

São «toilettes» que nesta altura se executam para as noites de casino plenas de alegria e distrações. Temos também dois enfeites para cabeça a que as cabeleiras curtas também se adaptam, feitos em pérolas que podem ser creme, brancas ou no tom do vestido.

Veem por fim dois modelos de chapéus ostentando véus que apenas velam os olhos,



num tule muito ténue e o qual, se rouba ao olhar a sua transparência, dá-lhe em troca um encanto profundo e misterioso.

Todos estes modelos, delineados pela última inspiração da moda caprichosa, são distintamente estivais e adaptáveis a qualquer das mil ocupações mundanas que o verão tão alegre e complacente proporciona nas suas praias elegantes a toda a mulher.

Temos para baile os dois lindos modelos para vestidos e duas das flores que têm longas folhas pendentes em grupo.

O «bouquet», roseta ou flor fantasista, os lindos broches, «pendantif» e os chapéus, são esplêndidos ornamentos para realçar a simplicidade fresca e garrida dos ligeiros vestidos de praia e ternas.

Com o verão redobram as novidades e simultaneamente a preocupação de toda a mulher em se tornar mais bela, mesmo superiormente bela, adquirindo adornos que atraíam olhares e multipliquem ousadamente gestos cheios de requinte e graciosidades leves e subtile.

É uma aspiração certa na qual a Voga colabora com os modelos dos mais «chics» que se criam e os seus conselhos sempre ponderados tendo a norma fixa de conduzir as suas leitoras para o máximo da elegância e da beleza e trazê-las sempre ao facto de todas as novidades que Paris, o centro mundial da elegância, cria e decreta sempre novo e original e geralmente infalível. MADemoiselle X.

## UM HISTORIADOR COMO HA MUITOS

Todos sabem o papel nefasto que a maçã desempenhou no Paraíso, principalmente pelas consequências desastrosas que acarretou para a humanidade.

Vermell-Coster, membro da Real Sociedade de Geografia de Inglaterra, acaba de dar, num livro recentemente publicado, «Os amores de Adão e Eva», uma outra versão sobre o pecado original.

— Não foi, — proclama-o com britânica seriedade, o excentrico historiador, — comendo o fruto proibido que Adão e Eva fizeram a sua desgraça e a nossa, mas sim bebendo o suco fermentado dos frutos do Paraíso.

Como o papel permite tudo quanto lhe escrevem, e a fantasia de certos historiadores não encontra limites na verdade nem na lógica, não nos admira que, amanhã, apareça outro publicista, possivelmente também britânico, a atribuir o pecado original a uma limonada pura e sem assucar...

## VOGA

É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

## OS DIVORCIOS

DURANTE os primeiros anos que se seguiram à guerra, o número dos divorcios elevou-se de tal modo que chegou a causar a inquietação de muitas pessoas que viram nele uma grave ameaça para a instituição da família e um sinal evidente da dissolução dos costumes.

As estatísticas referentes aos anos de 1926 e 1927 vêem, porém, demonstrar que o número de divorcios voltou a diminuir. Em França baixou, sobre o número dos casamentos, de 7 para 6 %. Na virtuosa Alemanha tem uma cifra de 8 a 9 % e de 7 a 8 % na pudica Inglaterra.

Quanto à Rússia Soviética, as coisas passaram-se de maneira diferente em virtude do divórcio ter sido elevado à categoria da instituição de Estado.

Se, de facto, os divórcios tivessem continuado a aumentar nas proporções inquietantes dos anos que se seguiram aos da guerra, havia o direito de se poder afirmar que a moral contemporânea se orientava por esta horrenda maneira: o casamento é um meio e o divórcio é um fim.

## VOGA

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

## MALAS E BASTOS SILVA, L.<sup>DA</sup>

CARTEIRAS ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81

TODAS AS LEITORAS E ASSIGNANTES DA VOGA DEVERÃO PREFERIR OS NOSSOS PRODUCTOS DE BELEZA  
Ayuntamiento de Madrid

## AS FESTAS EM AVEIRO



Tricinas da Beira Litoral — Um grupo de lindas salineiras (Foto Manuel de Abreu).

NO GRAND PALAIS  
O SALÃO DOS ARTISTAS FRANCESES

O Salon dos artistas franceses, aberto neste momento no Grand Palais, contém 3.044 quadros: pinturas, desenhos, cartões, aguarelas, pastéis, miniaturas e esmaltes.

A impressão geral é boa. É um dos melhores Salons destes últimos anos.

Na minha visita às 43 salas, notei os seguintes quadros, que se impõem por qualidades muito diversas:

Um magistral retrato de Laszlo representando o Príncipe de Mônaco. Um retrato de Etcheverry, em que o vestido de seda salmão é de tal modo verdadeiro, que muitos visitantes se aproximam para se assegurar de que é... pintado. Outro do mesmo artista, representando uma senhora idosa, que tem menos sucesso mas que não é inferior. De Baschet, S. M. o *Maharajah de Kapurtala*, vestido de ouro e que não desmente o crédito deste reputado mestre. Outros retratos de F. Humbert, Humbert filho, Renard Troncet, Henry Royer, Jules Cayron, Bartholot, Grosso, Maxence, Alexis Vallon, Bréantá, Lavergne, Fongerat, Jules Grün, P. A. Laurens, Pascau, Watelet, Patricot, Aiken, Sabbaté, M.º Gerald, Cohen, Cyprian Boulet, J. P. Laurens é um retrato do compositor português, Carneiro, por Henrique de Medina, que deve ter obtido grande número de votos para uma medalha, que seria muito bem merecida! bom desenho, bela cor e muito carácter; dois belos desenhos de Friant.

EM NUS: sobressaem Paul Chabas, com uma rapariga na água, duma justa cor; Marcelles, Sieffert, Czedekowsky, A. Leroux, L. Albanne, Fongerat, Santaolarin.

COMPOSIÇÕES: Calbet, Azéma, Paul Gervais, dum belo arranjo decorativo; Ch. Duvent, *Entrada do Marechal Lyantey em Tazza*, dum belo efeito de luz tropical; Fongerat, colorista brilhante. Bouligny, M.º Camus, Rieder, Dupuy, L. Jonas, Schommer, L. Felix, Bussiére, Dilly Capdevielle (Madame), Aubry, M.º Sonrel.

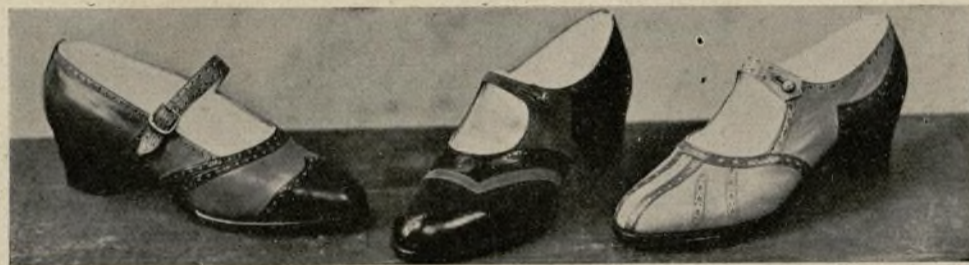
PAISAGENS: Désiré-Lucas, Didier-Ponjet Gosselin, Foreau, G. Lerroux, Cornil, Moisset,

O Brasil está representado pela Ex.ª Sr.ª D. Margarida Lopes de Almeida, que expõe em escultura, uma estátua em bronze dum napolitano, muito bem observado, e um busto, em bronze, de senhora, muito expressivo. O pintor Pacheco-Jarraz tem o seu retrato feito à luz artificial, em que conseguiu, através de grande dificuldade, um bom efeito de luz e de carácter.

P. S. — Acabam de ser conferidas as medalhas do Salon:

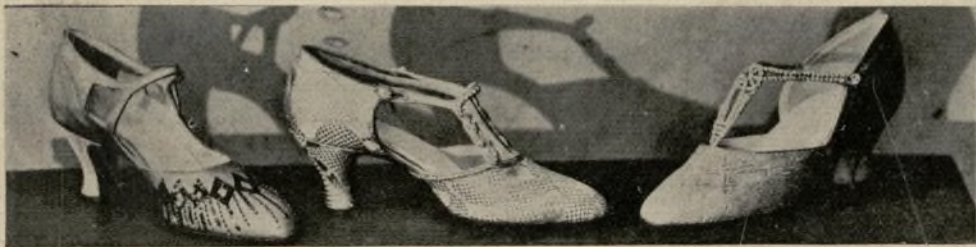
Medalhas de ouro: M.º Odette Pauvert, Bonchard, Bastide, Tavernier, Jacques Simon, Julien, Maignan Bernard, Madame Berrhagorry-Suair, Lofredo, Perron, Martin Ferrières, Balay, Craux, Zilhardt, Hutchison.

Medalhas de prata: Fernier, Delville, Barthe-



lamy, Marquet, Peletier-Ramon, Perrachon, Morgan, Somerville, M.º Puisoye, Barrien, Stéphane Leroy, M.º Mazulle-Mallaiwe, Renault, Aiken, Blager, Cahours, François Aubert, Janbs, Rankens, M.º Clement, Guillot, Orr, Barrier, Thomasse, Madame Abeille, Barret, Bardou, Cavaroc, Cheffer, Madame Littry, Van Mastenbreck, Madame Real del Sarte.

Medalhas de bronze: Chateaufort, Grosso, Chahnazar, Darnet, Madame Benoit, Camescusse, Chavigny, Leroy.



Gueldry, Gagliardini, Le Sénéchal, A. Buffet, Grosjean, l'Albé, P. Buffet, Renaudin P. Bertrand Duval, Bocuhor, F. de Moutholon, A. Dumont, Madame Virginie Dumont Breton, Abbé Von Hollebeke, Cachoud, Montagné.

QUADROS DE GENERO: Jules Adler, Pagés, Henri Zô, Montézin, Bouchard, Midy, Guignier, Jimenez, Boyé, Mailaud, Emile Adan, M.º Lesboné, Stéphane Leroy.

MARINHAS: R. du Gardier, Matignon, Delpy, Dupain Allegre, Paul Joubert, Maignan e Bernard.

FLORES: Madame Lauvernay-Petitjean, Madame Berrhagorry-Serair.

ANIMAIS: Barrillot, Prévot-Valery, Hugrel, Terraire, Thomasse, Maillaud, Prévot-Valery filho, M.º Delattre.

NATUREZA MORTA: Bompard, Besgès J. INTERIORES: T. Thomaz, Balay (Charles) Wintz, Henri Jamet.

De portugueses, além de Medina, de que já falei, expôs Fausto Sampaio um pequeno quadro de natureza morta, duma grande observação e duma tonalidade muito distinta.

Sousa Pinto expôs a *Partida para o trabalho*.

## CARTA DE PARIS

Querida sobrinha:

Se a «Gata borralheira» ainda fôsse deste mundo ficaria tão embaraçada como eu para escolher uns sapatos.

Nesse tempo, com um par de botinas com botões e outro com atacadores, para os dias chuvosos, tinham-se transposto todos os obstáculos. Hoje tudo mudou.

Quanto forem os vestidos, tantos são os acessórios de loda a espécie, e principalmente o calçado.

Primeiramente vou citar-te os sapatos de

O nosso terceiro modelo é em pele de cabrito bege claro, enfeitado com tirinhas mais escuras. Como tom é mais fino e frágil, e, portanto, menos prático.

Uma linda escolha para tarde me pôs ainda em embaraços.

O tacão mais alto, o couro mais fino, enfeites mais estudados, formam um conjunto muito elegante e distinto.

Peles de serpente e de lagarto são duma grande solidês e duma distinção «raffinée».

Para noite os sapatos são uma consolação: diamantes e pérolas, ouro e prata misturados,



«sport», que uma elegante não pode descurar.

Os passeios ao Bósque, as caminhadas higiénicas, as corridas em Paris, deram ocasião a uma variedade incalculável de fantasias modernas.

O que mais se vê são os sapatos em couro fulvo, «bow-calf», de preferência com aplicações de tiras perfuradas e picotadas.

E há também os que condizem com os vestidos de «sport», mas em tons mais tênues e em peles exquisitas e singulares.

fazem scintilações deslumbrantes cujo efeito tu podes bem avaliar examinando os três modelos aqui juntos.

Esperando a tua carta, envia-te querida, afectuosos beijos a tua tia

NUELMA.

VOGA

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER PORTUGUESA

Em virtude de se estar aproximando a época das praias e termas, e para que as nossas presadas leitoras e assinantes possam receber a tempo o nosso semanário, *VOGA* a partir de 21 do corrente passará a publicar-se às

QUINTAS-FEIRAS

saíndo, porém, um número no domingo, 17, do mesmo mês, o que beneficiará as nossas leitoras, visto como em Junho receberão um número a mais o qual, como todos os outros, será sensacional.

LER E ASSINAR

VOGA

SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER PORTUGUESA

A melhor publicação no género em toda a Península

## NO JARDIM MUNICIPAL DE AVEIRO



Quatro formosas aveirenses pousando para a «Voga» (Foto Manuel de Abreu)

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA  
Ayuntamiento de Madrid



3  
ASPECTOS  
dum chapéu em  
palha azul mar-  
rinho enfeitado  
com fita azul  
e rosa



Dois lindos mode-  
los: um em palha  
lilás, enfeitado  
a branco. Outro  
em palha preta,  
guarnecido de  
fita azul e bran-  
ca



3  
ASPECTOS  
dum chapéu  
em palha bran-  
co guarnecido  
duma flor am-  
arela limão



VOGA, APRESENTARÁ  
EM BREVE OS SEUS PRO-  
DUCTOS DE BELEZA



Vestido de passeio em cré-  
pe da China rubi. (Lydia)  
Foto Henri Manuel



Conjunto  
em crépe da  
China, preto e  
rosa. (Nicoll et C<sup>ie</sup>)  
Foto Henri Manuel



MODELOS  
executados por  
CORAMARSON  
para a vedera  
COLETTE  
DARFEUIL  
FOTOS: G. L. MANUEL  
FRÈRES

Chapéu em feltro "bois  
de rose" com folhas  
bordadas num tom  
mais escuro.

Chapéu  
em palha azul  
marinho, enfeita-  
do a branco



Vestido em crépe da  
China lavrado guarne-  
cido de folhos plissados  
Foto G. L. Manuel Frères



Chapéu em palha  
branca preta enfeita-  
do com fita verde em  
dois tons

Vestido em  
crépe geor-  
gette lavra-  
do, em verde  
jade e azul  
(Fairylard)  
Foto Henri Manuel



Vestido em cré-  
pe da China  
lavrado, enfeitado  
com nervuras.  
(Nicoll et C<sup>ie</sup>)



Casaco em "kasha" bege  
rosado. (Lydia) Foto Henri Manuel



OS PRODUCTOS DE BELEZA  
APRESENTADOS POR VOGA SÃO  
OS MELHORES E MAIS EFICAZES

# PANTALEÃO UM ROMANCE EM TRÊS CARTAS

PROSA E DESENHO DE «CADY»

Já muito tempo que não te falo do sr. Pantaleão. Lembra-te dele, não é verdade? Aquele que, não sei por que motivo, se apaixonou subitamente por mim, recitando-me com uma teimosia inexplicável trechos inteiros de uma carta que decorara no *Manual dos Namorados*, livro que, para as criadas de servir, vale mais do que todos os poemas geniais.

Não voltei, nas minhas cartas, a fazer referências ao sr. Pantaleão porque desde aquele encontro, em casa das Almeidas, nunca mais tornei a vê-lo, senão ontem, no casamento da Virgínia.

A parte do ridículo que pelo mental e pelo físico lhe é inerente, o sr. Pantaleão leva uma vida razoável, elegante, quasi *snob*. Passa todas as tardes pelo Chiado; incorpora-se nos funerais das pessoas de maior importância social; frequenta a Marques; vai todos os anos a Viçy; subscreve para todas as festas de caridade; não falta à ópera e lê as gazetas. É uma pessoa, como diriam os franceses, *tout à fait convenable*.

Em todas as mulheres vê a esposa ideal, quer elas sejam magras e altas como eu, quer gordas e mal feitas como ele. Nos factos mais banais adivinha designios de fatalidade, que é preciso evitar com palavras misteriosas murmuradas com fervor.

No casamento de Virgínia, ao copo de água, tive ocasião de observar estas duas facetas do espírito de Pantaleão. A mesa lhe dava a direita a D. Belmira, uma gorda, mais do que quarentona, assustadíssima e púdica. O sr. Pantaleão, como era de prever, apaixonou-se pela sua visinha, e recitou-lhe com eloquente veemência a carta número 3 do *Manual dos Namorados*.

Dona Belmira escutou-o de olho esgazeados e boca em O, expressão que muito dizia da sua surpresa e do seu virginal enleio. Esgotada a matéria da carta número 3, Pantaleão passou à missiva número 5, em que o namorado, em frases doces, às quais Pantaleão emprestava um



sentido trágico, pede à sua Dulcinea (e Pantaleão exigia de braço erguido ameaçadoramente) que se deixe tutear. O tratamento por tu entre pessoas que se adoram torna-as mais íntimas, faz com que os corações mais próximos acertem um pelo outro a cadência de suas palpações exaltadas. Esgotada, porém, a matéria da carta número 5, Pantaleão calou-se, scismático, porque não se recordava, por maiores esforços de memória que fizesse, do texto da que no *Manual* tem o número 6.

Convencido da inutilidade dos seus esforços, Pantaleão mudou de conversa, e como notasse que se havia entornado azeite na toalha, ergueu assustado os quatro cabelos que ornamentavam a sua calva e murmurou:

— Fatalidade...

E como eu, que me encontrava à sua esquerda, lhe perguntasse por que motivo o azeite entornado significava fatalidade, o sr. Pantaleão esboghoulou os olhos, sinal evidente de que meditava, e respondeu:

— Porque sim.

E porque sim, era tudo: certas maneiras de olhar, o encontro logo de manhã com uma preta, um espelho que se quebra, andar para trás em vez de andar para a frente. Porque sim, porque tudo isto indicava fatalidade.

Este sr. Pantaleão tem ideias bem originais. Há mais: Pantaleão acredita nas videntes; tem consultado sonâmbulas e aprendeu a deitar as cartas. Mas as consultas ainda não lhe deram uma certeza absoluta sobre os seus futuros amores. Sabe apenas que há uma mulher que o adora, mas nem as sonâmbulas, nem as cartomantes lhe revelaram ainda o nome dessa mulher. É por isso que ele a procura por toda a parte, em todas as mulheres, quer sejam altas e magras, como eu, quer gordas e paquidérmicas, como Dona Belmira.

Creio que Pantaleão há de encontrar um dia o seu destino, a mulher que a vida lhe reservou já, certamente, para doce companheira. Nesse dia, Pantaleão dirá que, a final, as cartas não o enganaram.

Muitas saudades da tua amiga GRAZIELA.

ADMIRAS-TE decerto de que, depois de uma cena que tu provocaste, cena triste, e ridícula, e irritante, que me obrigou a partir para aqui, seja eu o primeiro a escrever — depois de um mês de recíproco silêncio — e em termos conciliadores. Conciliadores e ternos. Porque eu volto para Lisboa e para ti Stella. Volto, e esse milagre deve-lo tu a um leilão.

Parece esquisito mas é assim e vou contar-te os factos. Recordas-te de te haver falado num ex-diplomata norueguês, o sr. H., a quem eu conhecera muito levemente em Paris, e possuía uma famosa colecção de objectos de arte? Pois, morreu. Paz à sua alma. Visitei o palacete do parque Monceau onde ele vivera, e onde era difícil circular no primeiro dia do leilão. Só então soube quanto H. amara e fôra amado, e como esse homem nascido na terra dos fjords e das neves sabe ser um verdadeiro don Juan, junto do qual talvez o herói espanhol se sentisse empalidecer de inveja.

Enquanto alguns «enragés» admiravam as obras de arte, belas sem dúvida mas não tão preciosas como se havia feito crer, disseminadas por toda a magnífica residência, uma onda elegante e perfumada de mirones comprimida-se curiosa numa comprida sala rectangular do rés-do-chão cujo único mobiliário se compunha de duas grandes estantes cheias de livros e uma rica e antiquíssima hucha espanhola carunchosa e pejada de cartas. As paredes, essas estavam inteiramente cobertas de retratos... de mulheres. Alguns grandes, a óleo ou a pastel; outros em simples fotografias. Quasi todos com dedicatórias e algumas destas ardentes.

De mulheres os retratos e as cartas; de amor os livros.

Ali pode dizer-se que foi Troia.

A hucha e o seu conteúdo foram arrematadas por um lord gasto e fleumático por duzentos mil francos (!) apesar do protesto veemente e da luta encarniçada de alguns cavalheiros a quem o caso interessava ou tocava, de perto, pois as cartas, alguns milhares, a julgar pelas relações que o aristocrático norueguês mantinha em Paris deviam estar assinadas por belos nomes femininos da boa sociedade francesa de há trinta anos.

A sala foi encerrada uns momentos a seguir à venda dos livros e de meia dúzia de retratos a óleo, porque o escândalo a propósito das fotografias ameaçava tomar sérias proporções. Quando saí, sobraçando um quadro e um volume das obras de Ovidio, a algazarra era medonha e a cidade, lá fora, pareceu-me deserta e silenciosa apesar do seu constante «brulhau».

Uma vez no hotel entusiasmei-me com as minhas aquisições. Foram um pouquinho caras mas, o retrato, é um amor de retrato de um amor de mulher.

Tu verás depois, Stella.

Uns olhos negros, uns cabelos louros, os ombros numa curva doce, um todo e um não sei quê que me fazem lembrar a Francisca da Rimini.

É a um canto sobre uma assinatura ilegível estas palavras:

«Portrait de Fanny».

Fanny. É um nome cheio de doçura, leve; um destes nomes que evocam flores. Fanny parece querer dizer: violeta.

É um pouco *démodé* isto que te digo mas também a dona dos olhos negros tinha aquela beleza tranqüila e graciosa em 1890!

Stella querida:

Soube esta data por um acaso inverosímil e no entanto autêntico. Nas «Obras de Ovidio» a páginas 30 uma folha de papel de carta, amarelada pelo tempo, dobrava-se sobre as seguintes frases escritas numa linda letra, e que passo a traduzir:

«Nice, 18 de Fevereiro de 1892.

«Meu amigo:

«Há dois meses que não tenho notícias suas. Deixe-se de ciancias. Nice está um encanto



e animadíssima. Se não puder ou não quiser vir até aqui, pois é tempo de fazermos as pazes, mande-me liquidar essa conta, que envio junta, à «Julie» boulevard des Capucines.

«Com um beijo sempre a mesma

Fanny.»

Por baixo da assinatura um grande espaço de papel ficara onde H. desenhara uma cruz avantajada, uma lousa e nessa lousa um nome: Fanny.

Quêre dizer: H. condenou e matou Fanny de uma penada por causa duma conta da modista.

Éis a história da minha volta a Portugal. Não tinha ele razão? Não tenho eu razão também?

O teu nobre e digno, embora completo, silêncio, eleva-te aos meus olhos, e se bem que não me peças que volte, não me mandas a conta da Madame Martin.

As malas estão prontas, o Vitor radiante por ir para Lisboa, e...

Nesta altura da carta, João pousou a pena porque Vitor fizera a sua entrada.

— Que temos?

— Correspondência, meu menino, respondeu o criado pousando uma carta sobre a secretária.

Foi com uma profunda ruga na testa que João rasgou o envelope e leu:

«Lisboa, 2 de Janeiro de 1928.

«Meu querido:

«Há um mês sem notícias. Não te peço que me escrevas versos nem que me peças perdão

# A BELEZA DAS MÃOS

As bonitas unhas são as talhadas em forma de amendoa e as que excedem em pouco as pontas dos dedos. Nunca é preciso cortar as unhas, basta somente limá-las seguindo a forma das extremidades dos dedos.

Para possuir lindas unhas são suficientes alguns instrumentos e um pouco de paciência se, é claro, não houver a facilidade de entregar as suas unhas aos cuidados duma «manicure».

Éis quais são os materiais necessários para esta tão delicada operação:

Uma pinça de bicos concavos para as unhas.

Uma pinça para as peles.

Um par de tesouras finas e curvas.

Uma lima bôa.

Uma caixa de pequenos lápis em madeira.

Uma caixa de limas de esmeril.

Uma fina pedra pomes.

Um bom polidor e um «repoussoir».

Éis como se utilizam todos estes pequenos objectos:

Depois de lavar as mãos escovar as unhas e enxugá-las muito bem, limam-se as unhas dando-lhes a forma desejada.

Se estão muito compridas e um pouco duras igualam-se com as tesouras curvas ou com a pinça das unhas, mas ligeiramente, e o menos frequente possível. Depois disto prepara-se água morna com sabão em lascas e metem-se dentro os dedos durante alguns minutos.

A mão que primeiro se trata é a que primeiro se mete dentro da água e sação; a outra mete-se na altura em que se fôr tratar. Isto permite à carne ficar muito maleável sob a pedra e o «repoussoir», instrumento para empurrar as peles que envolvem as bases das unhas.

A mão que se tira da água é docemente enxuta, e os dedos são untados nas extremidades com creme ou vaselina. Com a ajuda do «repoussoir» faz-se aparecer a meia lua branca que existe na base das unhas, e com a pinça extraem-se as peles, mas muito ligeiramente, para não fazer sangrar.

Limpam-se depois as unhas para lhes tirar a vaselina ou creme, e com um pouco de algodão enrolado finalmente sobre um dos lápis de madeira passa-se nas extremidades de cada unha. O algodão é embebido em água oxigenada ou qualquer líquido especial que limpe e branqueie o interior das unhas.

A pequena pedra pomes molhada em água tépida aperfeiçoa a volta da unha tratada.

Depois de bem secas estende-se sobre cada unha, pasta, líquido ou pó para polir, e com o polidor esfrega-se muito bem, terminando por passar a lima de esmeril em volta da unha.

As unhas são novamente limpas uma por uma minuciosamente sobre «follard» ou «chiffon» de seda fina e usada.

## TECIDOS CHICS

para vestidos e casacos de de senhora

Enorme colecção de padrões da ultima moda, recebidos directamente de Londres, Paris, Lyon e da Suissa

Grande variedade em fantasias em lã e em seda, com que abriu a estação de verão

a

GALERIA DA MODA

(Antiga casa PERAL, L.DA)

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77

para as insolências que en te disse. Contudo como comprei um automovel pequenino, mandando-te a conta da modista que é um pouco grande.

«Saudades da tua

Stella.»

O velho Vitor viu, espantado, o seu jovem amo traçar nervosamente a princípio e depois com serenidade no lilás do papel que ficava depois da fina assinatura uma cruz e uma lousa de sepulcro onde desenhara lentamente as leis letras de um nome: Stella.

— Vitor — disse ele em seguida. Desfaz as malas. Já não partimos.

O velho olhou com melancolia a fachada cinzenta da casa fronteira por onde corria a chuva e safu.



Ria e Rossio onde se fizeram as iluminações e Feira das Beiras

(Foto Manuel de Abreu)

## BORDADOS E RENDAS

## BORDADOS COLBERT



veis, pois a sua graça e encanto embelezam o lar.

Ao antigo bordado a branco, muito demorado e miúdo, que fazia demorar um «napperon» meses entre os gentis dedinhos da bordadora, mesmo a mais ágil, sucederam-se os inúmeros pontos de fantasia a branco ou a cores. O bordado a matiz, tão apreciado pelas nossas avós, hoje está tão «fora de moda» como as saias de balão; temos os bordados a lã ou os bordados-aplicação que enchem de cor e alegria tudo aquilo aonde forem empregados, e levam talvez a quarta parte do tempo do bordado, que seguia de perto a natureza, matizando tons e combinando cores.

Naquêles tempos a perfeição consistia em bordar flores e folhas nas tonalidades naturais, e quanto mais verdadeiro parecia mais belo e apreciado era.

Hoje, pelo contrário, a fantasia impéra: a moda rége, os bordados, os móveis, enfim, tudo que se relacione com a mulher — a muito hu-

milde e obediente compridora das suas ordens despóticas.

O bordado «Richelieu» ainda era muito complicado para a actualidade; as «barrettes» roubam imenso tempo, pois a sua confecção é demorada e fatigante, mas, com um efeito muito aproximado e extraordinariamente mais breve, temos nós o bordado «Colbert» que hoje publicamos.

O seu efeito decorativo é maravilhoso, e a ausência de «barrettes», além de o simplificar, dá-lhe um encanto novo, leve e gracioso, onde o inédito lançou uma das suas melhores criações.

O bordado «Colbert» necessita de ter um desenho especialmente coordenado para prescindir de «barrettes».

O seu desenho é mais curioso e cheio de harmonia. Tem, pois, este género de bordado todas as garantias para vencer o «Richelieu», senão em todo o género de trabalhos ao menos numa grande parte.

Dois modelos, embora reduzidos, damos aqui afim de elucidar bem as leitoras que desconhecem este género.

Na nossa gravura n.º 1, de decoração modernista, temos nós a acrescentar à graça do bordado umas filas de nós nas tiras rectas de que elle consta, e a «cheio» algumas ovas que semeiam todo o bordado.

Na n.º 2, que é uma almofada de decoração oriental, o efeito dos nós e do bordado é outro, mas empregando-se igualmente os mesmos pontos.

Na almofada os nós perduram, sendo toda composta por triângulos completamente trabalhados com este gracioso ponto.

Tanto o «napperon» para bandeja como a almofada, são dois lindos modelos que na próxima oportunidade serão publicados em tamanho natural na nossa folha de bordados, assim como outros desenhos no mesmo género.

É este mais um novo género de bordado que a Voga vem juntar ao já longo «stock» que tem fornecido às suas leitoras e tanto tem agradado.

Vários modelos de «filet» bordado publicamos, a pedido de várias leitoras.

Já algumas vezes nos referimos aqui a «filet» bordado e «filet»-«Richelieu», sendo, portanto, dispensável que mais uma vez descrevamos um trabalho que certamente todas as leitoras conhecem e sabem fazer.

Até para a semana.

BERENICE.

## FUTILIDADES

## A AGONIA DO CHÁ DAS CINCO

UM cronista parisiense que se ocupa de assuntos mundanos, lamenta o que se chama o materialismo incontestado da nossa época.

Analisando a vida de sociedade, afirma que a arte subtil de conversar entrou em franco declínio, e tem os seus dias contados. O sorriso acolhedor da dona da casa, desapareceu, substituído por um movimento seco e matemático de mão, à guisa de cumprimento.

É o chá das cinco, entrou na agonia — comenta o cronista no tom dramático de quem anuncia o fim do mundo para breve.

Em vez do chá, o cocktail — o cocktail das cinco.

Um outro cronista, menos apegado às tradições mundanas, observou com fino scepticismo:

— O sorriso, linguagem dos lábios, será mais belo do que a linguagem igualmente muda e talvez mais eloquente das mãos?

Desaparece o chá. Mas não desaparece o significado mundano das cinco horas. O chá era um pretexto. Porque o não pode ser o cocktail? As bebidas mudam, mas os costumes ficam.

## VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## A ALEGRIA MARROQUINA

MARROCOS ainda não se mostra disposto a abandonar seus velhos costumes, insistindo em conservar os harens.

El Glaoui, pachá de Marrakech, declarou há pouco a uma jornalista francesa que o entrevistou:

— Estamos dois séculos atrasados da Europa, mas achamos perigoso manifestar uma pressa excessiva em nos actualizar.

E acrescentou com ironia:

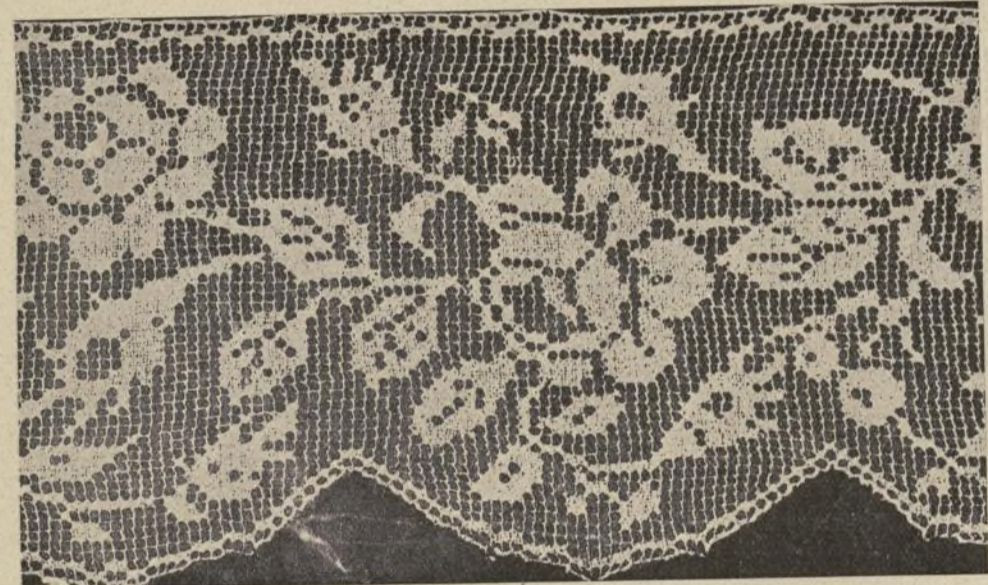
— O exemplo da Turquia tornou-nos prudentes. As mulheres emancipadas, desse país, desorientam-se com muita facilidade.

Nos harens vai, porém, lavrando uma revolta surda, revolta que se traduz principalmente nos esforços das que o habitam em adquirir uma cultura europeia.

Até agora a maior distração que as marroquinas usufruem é a visita aos cemitérios — aos cemitérios árabes, claros, cheios de sol, peizados de flores e de verduras.

Passam nêles quasi toda a tarde, e tomam chá junto do túmulo dos mortos que lhes são queridos.

Segundo parece nada há, naquêles países, mais alegre do que um cemitério...



como os bordados a branco, a matiz e outros, preenchem as horas e as ambições das nossas avós quando meninas e moças.

A vida hoje requiere movimento, alegria; e todo o juvenil espírito feminino hoje anseia pelo inédito e desconhecido, aborrecendo a monotonia duma vida igual e tristonha. Não sei se é bem se é mal: o facto é que é assim.

Hoje tudo é breve, rápido, fugaz. Como no «écran», nós necessitamos de que as sensações, os dissabores e as alegrias, se sucedam ininterruptamente, num rodopiar incessante que nos atordoe, fazendo-nos esquecer o passado, apenas reparar no presente e ansiar pelo futuro.

A vida hoje é uma sucessão rápida de emoções e, se não fossem as emoções de desgraça e tristeza que são sempre as mais longas e pesadas no nosso sentir, passaríamos pela vida quasi sem a ter vivido e sem a ter sentido, o que seria o ideal.

Os bordados seguiram uma evolução relativamente ao modernismo. São simples, rápidos, embora de grande efeito decorativo. O tempo a empregar é diminuto, mas são indispensá-

## RECEITAS DE COSINHA

LINGUA DE VACA AO GRATEM

DÁ-SE uma escaldadela à língua e pela-se. Depois de pelada, dá-se-lhe uma cosedura em água temperada com sal e ervas aromáticas. Em seguida corta-se perpendicularmente ao comprimento, em fatias delgadas.

Prepara-se numa caçarola um refogado com manteiga, pingue de porco, cebola e salsa picada, e depois de alourar a cebola, deitam-se no refogado as fatias de língua e guisam-se, acrescentando depois o refogado com um pouco de caldo e vinho branco, e deixa-se ferver até apurar o molho.

Põe-se manteiga no fundo duma travessa que possa ir ao forno e à mesa, dispõem-se sobre essa manteiga as fatias da língua, polvilham-se estas fortemente, com queijo parmeão ralado, por cima do qual se põem bocadinhos de manteiga, leva-se a travessa ao forno até alourar bem e serve-se.

MAIONÈSE DE CAMARÕES

PARA preparar a maionèse de camarão pode aproveitar-se o camarão de qualquer tamanho.

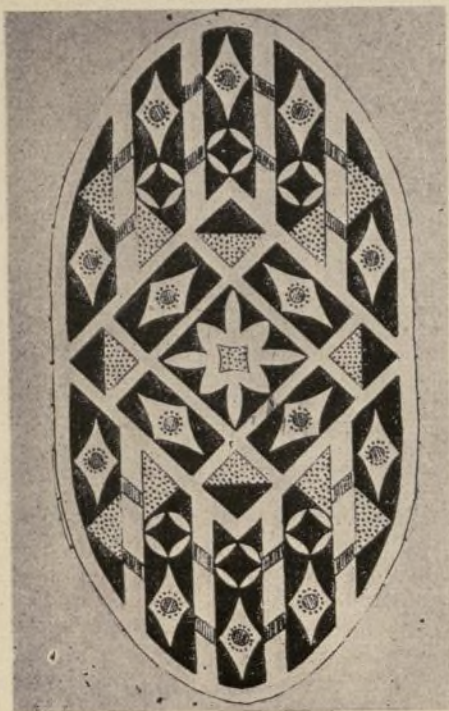
Cóse-se o camarão, descasca-se e depois deita-se numa travessa funda sobre uma pequena camada de alface ripada ou chicória, de modo que cubra essa camada.

Juntamente com o camarão deitam-se bocadinhos de ovos cozidos.

Por cima do camarão deita-se o molho de maionèse que se faz da seguinte maneira: deita-se numa vasilha larga e côncava uma gema de ovo, pimenta, sal e um pouco de vinagre, desmanchando o ovo muito bem. Em seguida, deixa-se cair sobre esta mistura bom azeite em fio delgado, batendo constantemente com um garfo de madeira, para bem incorporar o ovo com o azeite. A mistura vai engrossando sucessivamente, chegando a tomar a consistência gelatinosa. Nessa ocasião junta-se um pouco de salsa finamente picada, que se incorpora também na massa.

Depois de se lançar o molho sobre os camarões enfeita-se este com azeitonas, ovos cozidos cortados, rodas de rabanete, camarões cozidos grandes, salsa picada, olhos de alface, etc.

Do gosto com que são dispostas estas substâncias de cores tão variadas, depende a beleza do prato.



Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS,

abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

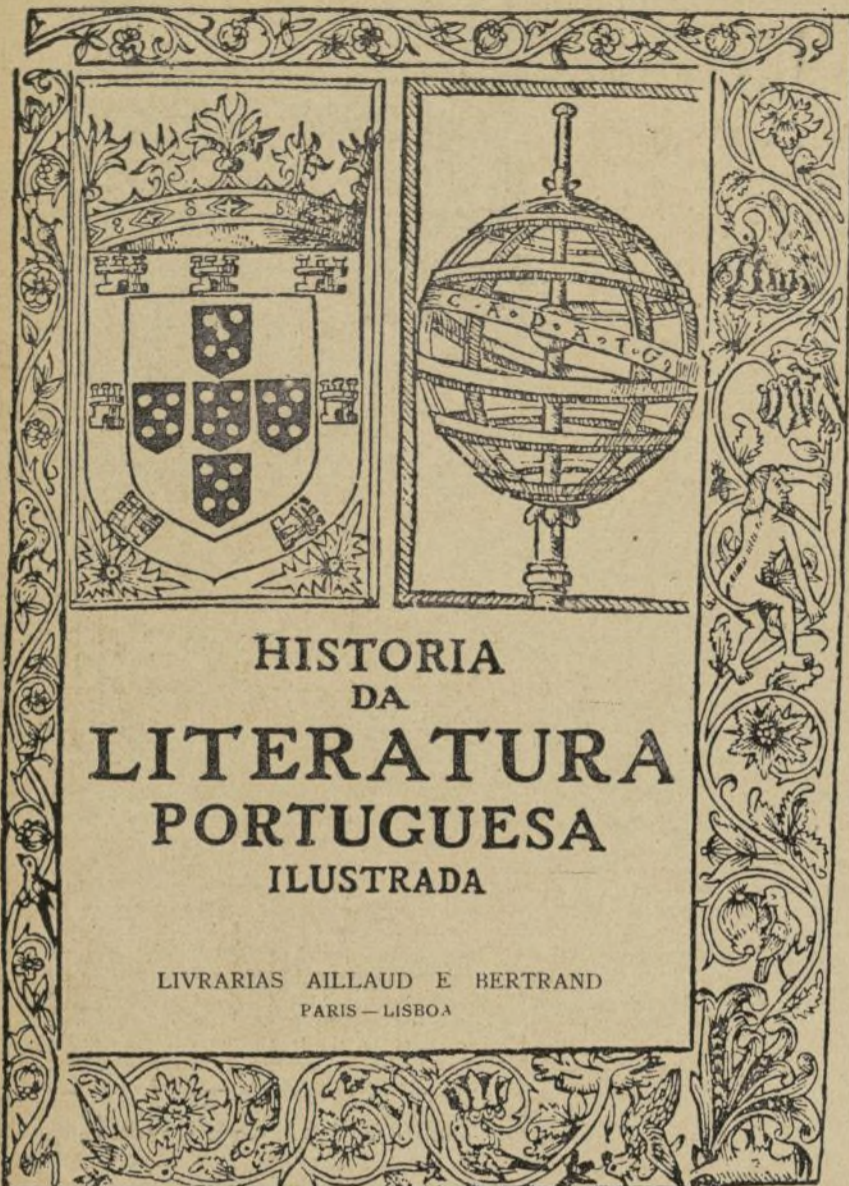
HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne

Montaigne

Hotel para famílias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.



## HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIAS AILLAUD E HERTRAND  
PARIS—LISBOA

### BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA  
DA LITERATURA PORTUGUESA por.....  
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber  
pelo correio contra reembolso, conforme assinatura  
especial abaixo indicada).

NOME .....

MORADA .....

Lisboa, ..... de ..... de 192...

ASSINATURA .....

#### PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

##### CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) .....

11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) 3 meses 6 meses 1 ano

##### REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHOLA ..... 34\$50 67\$00 132\$00  
ÍNDIA, MACAU E TIMOR..... 36\$00 79\$00 138\$00  
ESTRANGEIRO ..... 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

### HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO  
Da Academia das Ciências de Lisboa

#### ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
BRITO CAMACHO, escritor.  
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.  
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
P. M. LARANJO CORREIA, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
S. COSTA SANTOS, escritor.

### EDIÇÃO MONUMENTAL

#### A HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

SAIRÁ EM JUNHO

##### E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais HORS TEXTE, a cores.

##### CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

### SABER ECONOMISAR É SABER ENRIQUECER



tipo de cofre que pomos gratuitamente á disposição do público para conseguir este fim

mente procura assim fazer-se notar como verdadeiramente desejosa de perfeição.

N.º 481 — Ribatejano — Actividade física e mental. Todavia... mais mental do que física apesar do pseudónimo ribatejano só lembrar touros e lezírias...

Voluntarioso, audaz e amigo do seu amigo, Ribatejano é bem o proto-tipo de alguém que se conhece a si próprio tal qual é, conhecendo igualmente o mundo e as almas... vis.

Defeitos? Gastar às vezes mais do que realmente é necessário, apenas em homenagem ao culto exagerado de uma exterioridade cuidada e também porque nem sempre sabe furtar-se a todas as tentações da — como deverei chamar? — da... alegria de viver!...

N.º 482 — Ivan — Lisboa. — Equilíbrio de faculdades sómente deslocado no sentido de uma vaga vaidade muito pessoal que hábitos de boa convivência conseguem regular.

Loquaz, entusiasta e vibrante de imaginação alguns traços indicam mais idealismo do que senso prático ainda que por vezes saiba valorizar-se tanto quanto as oportunidades lhe permitem.

De resto, a sua vontade é forte e obediente a uma decisão ousada e intransigente.

N.º 483 — Gala Branca, M. F. — Sensibilidade moral contida e regulada por uma justa inter-

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS preferiam, para corte de cabelo, o gabinete do SALÃO ARTE NOVA, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

pretação dos factos e situações que mais de perto afectam a sua maneira de sentir.

É o grafismo revelador de um carácter digno, correcto e sabedor da forma porque deve conduzir-se ante as dificuldades por vezes imperiosas de uma existência já suficientemente experimentada para que nada de imprevisto possa suceder-lhe.

Qualidades morais excelentes: bondade, altruísmo e modestia.

Defeitos... um só: a intolerância.

E eis quasi tudo o que os seus traços revelam.

N.º 484 — Uma Morena Feia — Lisboa — ...Nem o «tal» é tão feio como o pintam, quanto mais quem tal se julga!...

Mas analisando o grafismo do documento que devolvi, verifico o seguinte:

Estado geral de saúde mental e físico:

Mental: sob o domínio de uma exaltação que dificilmente lhe permite ajuizar consequências e distâncias.

Físico: enervado, vigoroso e sanguíneo.

Qualidades morais: Submetidas à influência do meio e conveniência; falta de um determinado domínio pessoal.

Dotes intelectuais: Imaginação indisciplinada, violenta e impulsiva.

#### AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a todas as nossas Ex.ªs Consulentas que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a todas as nossas Ex.ªs Consulentas que não tenham recebido o resultado das suas consultas ou não os tenham visto publicados na Voga, o favor de nos avisarem, a fim de podermos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refúgio Postal.

## Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS  
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise com a quantia de — um escudo — em papel moeda ou estampilhas postais por cada consulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos documentos enviados devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente fal-

tos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem o menor receio de susceptibilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa de todos os seus característicos grafológicos, podem todas as ex.ªs consulentas da Voga reender estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal, (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

N.º 478 — Uma rosa com muitos espinhos — Lisboa. — Apesar de ser decididamente possuidora de uma «pontinha de génio», não posso todavia dizer que os espinhos abundem tanto como assim pretende insinuar no seu pseudónimo.

Todos seus traços indicam, decisão e ener-

gia por vezes tida em conta com um pouco de altivez inconsciente.

N.º 479 — Liane M. — Lisboa — Eis um grafismo característico, extraordinariamente legível, indicativo de uma sensibilidade e cultura desenvolvidas, aliadas a um mental perfeitamente disciplinado em todas as manifestações da sua vontade, amando a harmonia das cores e dos sons.

Se tanto me é permitido, não quero deixar de revelar um dos defeitos mais evidentes nestes traços: — a dificuldade de concentração mental, traduzindo-se num espírito demasiado «distante» para que na totalidade possa evitar as consequências dessa permanente falta de atenção em algumas banalidades enquanto em outros casos se define exageradamente observadora e minuciosa.

N.º 480 — Moreninha, C. de O. — Simplicidade atraente e simpática procurando copiar atentamente todos os coeficientes que poderão contribuir para a sua ascensão geral.

Numa rigidez que quasi dissimula toda a energia da sua personalidade, Moreninha só-



**DENTES AVELLAR**  
VENDE-SE NAS BOAS CASAS  
DEPOSITO GERAL FARMACIA  
AVALAR  
Rua Augusta 225 - LISBOA

Mais longe, Terápia. Passámos pelo palácio de França, agora deserto. O vento do inverno esfuzia já pelo parque. Mas as árvores antigas ainda lutam por conservar as suas esplêndidas ramagens, que Novembro amarelou.

As mulheres têm muitas vezes estranhos pudores. Basta a ideia da infidelidade física para as aterrorizar. Sim. Mas ela, ela! posta de parte há tanto tempo, repudiada, de algum modo viuva! não há no mundo criatura que mais livre tenha o coração e o corpo...

O sol rolou para trás das colinas. Magia súbita e quase espantosa: num relance, o horizonte bita e quase espantosa: num relance, o poente impregna-se deste vermelho muito sombrio que parece ser o sangue venoso do poente, ao passo que o este, por um contraste prodigioso, se tingiu das colorações pálidas da noite — azul de lua e verde de jade. No zenite, estende-se, como um arco de ponte, uma divisória cor de esmeralda.

Vou jantar aqui em Yenimahallé ou em Kavak. Os caikdjis precisam de descansar. Hei de achar uma estalagem albanesa, e yohurt, e talvez kaimak e, quem sabe? uma don-durma, em todo o caso um narghilé para fumar depois de comer, debaixo dos grandes plátanos da aldeia, entre as redes penduradas, que secam ao vento.

Sussurro do narghilé, e seu fumo quasi incolor, que embriaga um pouco, e põe nas fontes um suorzinho frio...

Ah! que horas são? Creio que adormeci depois do narghilé... A lua é apenas um crescente avermelhado, prestes a desaparecer... Oh! cinco horas à turca! Já não chego à rua de Brussa nem à meia noite... A caminho, depressa!... Rápido, o caique já corre, voa sobre a água sombria. Para aproveitar a corrente mais forte, tomamos o meio da água. E as duas margens vão fugindo... Cinco horas à turca, é fantástico! nunca corri o Bósforo tão tarde. Todas as povoações estão mudas, todas as luzes apagadas. Os próprios alcôas já estão dormindo; já não ouço o ruído do seu vôo nocturno, aflorando a água.

Canlidja... Há pouco, quando subíamos o Bósforo, passámos muito longe, a costear a outra margem. E demais, era dia. Agora nesta sombra espessa, não resisto ao desejo de me aproximar... Tocarei com a ponta do remo na grade

## O HOMEM QUE ASSASSINOU

CLAUDE FARRÈRE

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

do jardim. E se a dama que dorme no pequeno pavilhão ouvir, do fundo do seu sonho, esse toque, julgará que é um pescador retardatário que empurra a sua barca.

Oh! as janelas do pavilhão estão iluminadas? e abertas?... Tão tarde? Contudo, os serões são curtos, nesta casa onde se odeia tanto... Não importa: vou passar muito perto. O meu caique está invisível e silencioso, absolutamente silencioso e invisível — os meus olhos afeitos à escuridão apenas distinguem o perfil de Osman, que rema diante de mim. Devagar... devagar! quero parar debaixo das janelas luminosas... talvez que ali esteja ela encostada.

Ah! Ah! Ah! Dois!... estão dois no quarto... ela e um homem. Sim, um homem: Cernuicz!

Cernuicz... Lady Falkland e o príncipe Estanislau Cernuicz!... Vejo-os como se lhes tocasse. Estão de pé, enlaçados. Ela veste um penteado aberto, em desalinho. Vejo um seio nu...

Lá quebrei... lá quebrei uma unha contra a madeira do caique.

...E... sim, caramba! é muito engraçado... Renaud de Sévigné Montmoron, atraído. Atraído, antes de tempo. Antes de tempo, é muito mais engraçado ainda! Imbecil!... Quarenta e seis anos... quarenta e seis anos! É uma lição... Ele tem... que idade? vinte e cinco anos, Cernuicz?... É uma lição. Dura...

Dura, sim!... Todo o meu orgulho sangra... e alguma coisa mais que o meu orgulho...

Oh! mas eu serei superior. Não, não quero ir-me embora já. Não corro perigo de ser descoberto: a noite está muito escura, e a alcova deles muito clara, muito iluminada, três lâmpadas! E eu quero chicotear a minha dor, até que ela estoire.

Agora desenlaçaram-se. Ela aproxima-se, indolente, da janela aberta, olhando para a noite,

para mim. Ele, imóvel, olha para ela. Oigo-os falar. Ele diz:

— Em que pensa, minha bela?

Ela responde com aquela voz pura e sonhadora — aquela voz que me dizia ante ontem: — «Deixe-me recordações». — responde:

— Penso que o senhor me não quer muito. Penso que lhe é quasi indiferente que eu seja sua... Não é verdade, Sta?... Era tão fácil haver-me! Eu era uma tão fraca mulher, e a tal ponto sequiosa de ternura!... Não foi divertido, isto. E depressa se tornou monótono. Há tanto tempo... Até penso que lhe é quasi indiferente ter obtido esta noite que o senhor pedia com tanta febre, esta noite, passada aqui no quarto onde eu durmo todas as noites...

Ele replicou. Creio que diz coisas amáveis. Mas não ouço as palavras; atendo somente à voz dela, por causa do som, do som que eu amava... Ela diz ainda:

— Penso que outros poderiam estar aqui no seu lugar... outros que eu teria chamado, como ao senhor, se o acaso os tivesse posto primeiro no meu caminho solitário... outros que dariam a sua vida, quem sabe? por uma hora como esta...

Por Deus!... não! tanto, não!...

Há! que é? luzes no jardim sombrio... luzes que saem uma a uma da casa grande, e deslizam entre as árvores, e avançam com modos traçoeiros, e cercam, a pouco e pouco, o pavilhão...

...As palavras de Mehmed paxá... as palavras de Mehmed paxá...

É exactamente isso. A porta do pavilhão abriu-se, sob uma pressão lenta que lhe partiu, creio eu, a fechadura. Entraram sir Archibald Falkland e sua prima, lady Edith. É exactamente isso. De resto, não houve nem um grito, nem uma cadeira derribada, nada. Somente ouvi, primeiro uma espécie de gemido surdo —

## UM FAMOSO ASTROLOGO

faz uma offerta notavel

Dir-lh'a-lha

**GRATUITAMENTE**

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos?



## NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA?

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoas, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 7 PL.

44, RUE DE LISBONNE, PARIS

Com 5 Escudos para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para França: 1\$60.

a agonia de lady Falkland — e em seguida, um risinho descarnado como um esqueleto — a zombaria feroz e triunfal da outra, da amante enfim vitoriosa. Nada mais.

Sim: ao cabo de um interminavel segundo, o estalido de um revólver que alguém arma. Mas logo a voz fria do baronete afirma:

— Não vale a pena. Stanie, guarde isso. Guarde! o jardim está cheio de cavas...

Já não vejo Cernuicz, que recuou para fora do campo da janela. Mas, sem dúvida, obedece,

## TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO usando FILOCOL. N.º 1 para o desenvolver, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

## AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS d'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos medicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

porque nenhuma detonação intervém... Demônio! o jardim está cheio de cavas. Que querem! Descende de cinco reis, e chama-se Cernuicz. Mas não se chama Bussy d'Amboise... Irra!

Outra vez a voz do baronete:

— Mary, quer assinar isto? Bem vê que a tenho no mão. É inútil resistir. Se assina, não chamarei os cavas nem os outros criados. Tudo ficará entre nós. Se não assina, chamarei... Perdão, deixe-se estar onde está! com o colo nu, se lhe apraz!

E sempre o risinho descarnado que estaleja. Vinga-se, oh! vinga-se bem, a outra! Lady Falkland está de pé, no vão da janela, encostada à ombreira.

(Continúa).



## "COLUMBIA"

ACABAM DE CHEGAR

AS ULTIMAS NOVIDADES

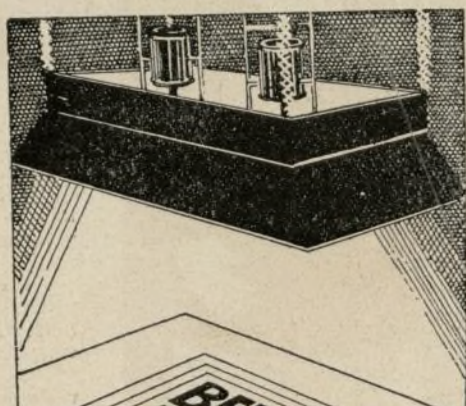
em discos de: ORQUESTRA, CANTO, DANÇA, SÓLOS, etc.

Todas as novidades recebidas, podem ser ouvidas, sem encargo nem compromisso algum, nos:

AGENTES EXCLUSIVOS E UNICOS IMPORTADORES:

**P. SANTOS & C.ª, L.ª**

52, 54, R. Ivens, - LISBOA - R. Garrett, 57, 59, 61



**BERTRAND IRMÃOS. L.ª**  
FOTOGRAVADORES  
T. DA CONDESSA DO RIO 27. TEL. 1.96

Lave, ondule e cóte o seu cabelo na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA  
LISBOA  
AVENIDA, 35

Experimente Vossa Excelencia



A DELICIOSA BOLACHA «CREAM CRACKER» (tipo inglês) primorosa manipulação da **FABRICA CONFIANÇA** Rivalisa com vantagem em qualidade e preço A venda nas boas casas da especialidade

**A COSTUREIRA CHIQUE**  
É SINONIMO DE ELEGANCIA E BOM GOSTO

CONFEÇÃO DE:

VESTIDOS, CAPAS, CASACOS

ATENDEM-SE PEDIDOS PARA A PROVINCIA

Telefone: Norte 5678

Avenida Cinco de Outubro, 146, r/c., D. (Esquina da Avenida Barbosa Bocage) LISBOA

## PLISSADOS

ARTÍSTICOS E DE COMPLETA NOVIDADE executam-se, com esmerada perfeição, em todos os modelos parisienses À Jour e caseados em roupas brancas

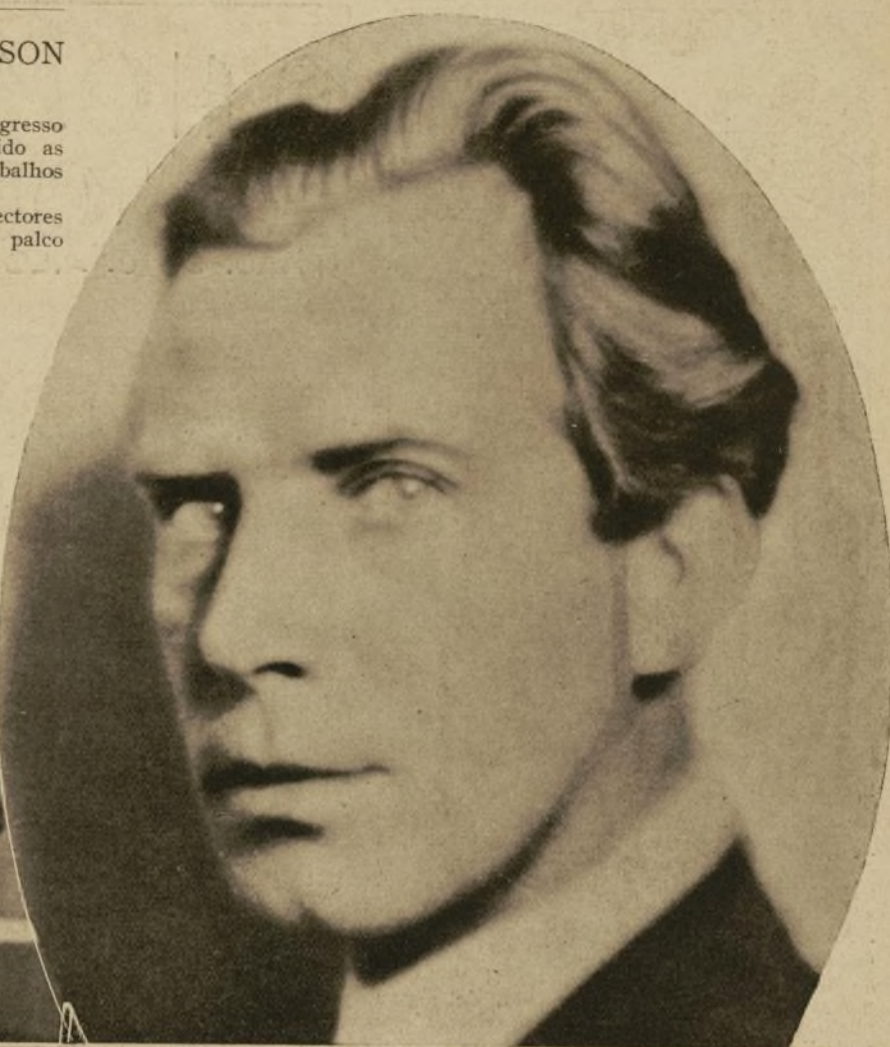
JOSÉ SILVA (Camiseiro)

173, Rua Arco do Bandeira, 1.º, E. 2.º quarteirão vindo do Rossio — LISBOA

## PORQUE TRIUNFA O CINEMA? POR LARS HANSON

A criação de uma escola para directores de scena, no cinema, tem sido um dos principais factores no progresso da scena muda. O considerável número de homens que lidam com peças e artistas tem reconhecido as possibilidades do cinema e contribuido para a eliminação dos incompetentes, e isto devido aos seus trabalhos em produções que primam pelas suas qualidades artisticas.

Antes de eu deixar a Suécia, com rumo à América, para trabalhar no cinema, havia muitos directores absolutamente incompetentes, iletrados, alguns dos quais se distinguiam por uma ignorância absoluta. E do palco



tinham saído vários egressos, como directores de scena, mas sem qualidades próprias para dirigir uma fita. Eram encontrados, por todas as partes do mundo, a fazer as primitivas produções de duas partes, espécie corriqueira das primeiras fases do cinema.

Griffith foi o primeiro a levar a efeito uma grande produção, estabelecendo com isso um tipo de direcção que fez da sua «Birth of a Nation» um portento, assim como um ponto de partida para o progresso da scena muda. A sua acção foi prontamente aplaudida e aceite a sua orientação por todos aqueles que se achavam ansiosos para apresentar melhores trabalhos. Por seu turno, maiores e mais efficientes companhias produtoras lhes deram todo o apoio e estímulo. A norma uma vez estabelecida, não tardou a aparição de companhias produtoras de visões amplas e com adequada estabilidade financeira.

Essas companhias tem entregue a direcção de suas produções a homens capazes, cultos e com instrução para realizar seus trabalhos à sua própria maneira e pela melhor



maneira. Tais companhias tem tornado possível a fama de elementos como King Vidor, Fred Niblo, Ernst Lubitsch, Victor Seastrom, o grande Cecil de Mille e tantos outros.

«The Big Parade», de King Vidor, tem sido um successo universal, e «Ben Hur», de Fred Niblo, uma obra que permanecerá na lembrança de todos para todo o sempre. Lubitsch tem feito muitos e notáveis trabalhos, entre os quais «The Student Prince of Old Heidelberg», o mais recente. Victor Seastrom notabilizou-se com «The Scarlet Letter», onde Lillian Gish conquistou um dos mais brilhantes padrões de glória.

Os quatro nomes referidos são apenas exemplos do vasto conjunto de directores que actualmente se esforçam pela grandeza do cinema norte-americano. Eles representam todos os países do mundo, e devido às qualidades de talento e de trabalho dos elementos de que dispõem entre seus directores de scena, qualquer grande companhia está habilitada a apresentar qualquer tipo de produção, qualquer aspecto exterior e em condições de lidar com artistas de todas as nacionalidades. Muito mais deveria ser conhecido acerca dos directores de cinema, por isso que é devido à sua clarividência e habilidade que o factor na selecção de elementos artisticos se tem tornado um ponto de inconfundível relêvo no perfeito acabamento de uma produção.